

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quinta temporada

Episódio #30: Nosso museu está vivo, nosso conhecimento está no território.

Transcrição do episódio: Isabela Dantas e Maxie Viana Pereira

Revisão da transcrição: Maxie Viana

Roteiro: Clarissa Reche, Isabela Dantas, Daniela Manica e Tânia Perez-Bustos

LEGENDA

Blocos

Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Tocada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

[ABERTURA]

[Daniela]: Como práticas interculturais e contra-coloniais podem transformar o papel dos museus e da ciência, valorizando as autorias indígenas e o protagonismo das mulheres na preservação cultural? No episódio de hoje vamos encontrar com práticas feministas que habitam os territórios como espaços vivos de preservação cultural, incluindo os territórios dos museus e da academia. Olá, eu sou Daniela Manica, e neste episódio vamos contar da nossa viagem até Belém, onde nos encontramos com as pesquisadoras Cláudia Leonor Lopes e com Ana Manoela Primo dos Santos Soares. Belém revelou pra gente um mundo rico em flora e fauna, além de uma abundância de água e uma cultura belíssima. Nossa conversa aconteceu no dia 20 de junho de 2024, no Museu Emílio Goeldi, em meio ao quente e abafado “verão amazônico”, que vai de junho a novembro. Ao nos aproximarmos do museu, fomos surpreendidas pelas ruas do bairro, que tinham calçadas muito altas e muitas grades nas casas. Logo nos explicaram que isso era devido às cheias, ao calor e aos perigos da região.

[Isabela]: Olá, eu sou Isabela Dantas. Além de mim e da Daniela, estava com a gente a Tânia Pérez-Bustos, pesquisadora convidada e professora titular da Escola de Estudos de Gênero da Universidade Nacional da Colômbia. Quando chegamos ao Museu Goeldi, notamos a presença de quatro seguranças armados na entrada. Era necessário não apenas informar quais pessoas que iríamos entrevistar, mas também obter autorização prévia delas. Além disso, havia um registro que precisava ser assinado para entrar e sair do museu. Depois que passamos pela segurança, vimos à esquerda um vasto bosque, enquanto à direita os prédios eram bastante semelhantes. Logo recebemos as instruções sobre como chegar à “Coordenação de Ciências Humanas”, onde as convidadas nos aguardavam.

Transição sonora

[BLOCO 1]

apresentações, projeto de pesquisa e objetos karipuna

[Daniela] Quando chegamos no museu, nos encontramos com Cláudia Leonor Lopes e com Ana Manoela Karipuna.

Claudia: Olá, boa tarde. Eu sou a Cláudia Leonor Lopes. Sou pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi, na área de Antropologia.

Manoela: Geralmente me apresento com o nome da minha etnia indígena, do meu povo, que é Ana Manoela Karipuna. Sou formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, fiz mestrado e doutorado e venho desde a graduação pesquisando com questões relacionadas às mulheres do meu povo, as mulheres karipunas.

Daniela: A Cláudia é colombiana e está desde o doutorado aqui no Brasil. Hoje em dia ela é professora no programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia na Universidade Federal do Pará, e no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do museu.

Isabela: A história de vida da Manoela e de sua família se entrelaçam com a do museu. Inclusive, tivemos uma grande surpresa quando já estávamos indo embora... mas vamos deixar isso mais pra frente. A gente pediu para Manoela contar um pouco mais sobre ela...

Manoela: O meu povo, ele fica no município de Oiapoque, bem no norte do estado do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa, e a minha família vem de uma aldeia chamada Santa Isabel, na terra indígena Uaçá. Essa aldeia foi fundada pela minha avó, a dona Delfina, e pelo meu avô, o seu Manuel. Então, meu avô era cacique, minha avó era parteira, ela também entendia muito de ervas, fazia muitos chás, muitos remédios, cuidava da roça, ensinava as filhas, os filhos, o que é da nossa cultura, como, por exemplo, o turé, a língua. Então, esse é o cenário de ancestralidade da minha família.

Manoela: A minha mãe, ela cresceu nessa aldeia e na juventude, na infância e na juventude, ela teve que sair em alguns momentos para estudar. Ela trabalha o que a antropologia chama de cultura material.

Isabela: Além de fazer o doutorado, a Manoela participa junto com a Cláudia de dois projetos. Um deles se chama “Os Desafios da Ciência Intercultural, Autorias e Coautorias Indígenas e de Comunidades Tradicionais nas Pesquisas em Colaboração”. Esta é uma pesquisa que busca construir uma política editorial voltada para compensar desigualdades.

Claudia: Criar essa iniciativa foi a minha participação como editora científica do Boletim do Museu do Paraíso Emílio Goeldi, que é o boletim das publicações mais antigas da América Latina, tem 130 anos... Dentro das pesquisas antropológicas, sabemos que elas são fundamentadas nos conhecimentos das comunidades com as quais pesquisamos. Mas a

tradição acadêmica antropológica talvez não visibilize muito a autoria das pessoas que estão atrás desses conhecimentos. Então, muitas vezes, é o antropólogo que figura unicamente como autor dessas produções, quando sabemos que tem toda uma equipe envolvida e tem muitas pessoas que estão participando, porque nossas análises são em cima dos depoimentos, das memórias, das histórias tradicionais, mas que não aparecem em termos de autorias nos relatos escritos, nas produções bibliográficas. Então, nossa pergunta é partindo um pouco nesse sentido, porque as pesquisas que nós desenvolvemos aqui no Museu Goeldi, muitas vezes são por demanda das comunidades. Então, nós já estamos com uma certa tradição de que a gente não escreve sozinha, como antropóloga, que as pessoas estão por trás disso e que, claro, obviamente, uma das questões que a gente pode colocar eles como coautores, mesmo que a tradição da escrita não seja deles, mas entendemos a etnografia mais como um processo que se faz, um processo de pesquisa, e que isso deve se refletir nos artigos, nas produções bibliográficas e, nesse sentido, as pessoas com as quais trabalhamos têm um lugar aí e nós gostaríamos que nas autorias eles aparecem também.

Isabela: Dentro deste projeto, Manoela vem desenvolvendo uma pesquisa específica chamada "Mundos Visíveis e Invisíveis", experimentando a autoria indígena. Ela trabalha com a cosmologia karipuna dentro do Museu Paraense Emílio Goeldi, junto aos objetos karipuna que estão dentro da instituição. Isso implica em estabelecer relações com o acervo que desestabilizam as noções correntes de patrimônio e salvaguarda.

Manoela: E é uma coleção muito interessante para mim, porque eu e a Suzana, a gente tem essa relação de parentesco, ela é a minha mãe, e os objetos dessa coleção são totalmente feitos por mulheres. Mulheres artesãs, artistas do povo karipuna, que no caso foi a dona Delfina e a dona Xandoca. que também é uma senhora da minha família, também do povo karipuna. Ambas já faleceram, mas elas ainda estão, de alguma maneira, vivas. O trabalho delas vive aqui dentro dessa instituição. Então, é uma coleção formada por colares e cuias. E a cuia tem um significado muito forte para a gente, porque nela é servido o caxiri ou o caxixi. E é uma bebida feita pelas mulheres e é servida no Turé, que é a nossa principal festa. E tem vários desenhos nelas, que foi feito por essa pessoa da minha família, minha avó materna. E algumas dessas peças atualmente, elas estão dentro da reserva técnica Curt Nimuendajú e outras estão em uma exposição, que é uma exposição permanente do Goeldi que está no parque zoológico no momento. Então lá também tem uma vitrine montada com curadoria, na verdade de uma mulher indígena, com peças feitas por mulheres indígenas. Então, eu estou pensando dentro dessa pesquisa a trajetória de vida

dessas mulheres, como essas peças são feitas, como elas são coletadas, como elas chegam dentro do Goeldi. Como elas são cuidadas aqui e também quais os significados dentro dessa questão espiritual que elas têm pra gente, né? Porque são peças que têm desenhos que representam caruanas. Então, nisso eu vou contando a história do meu povo. Vou trazendo um pouco também de como a história desse povo está relacionada com essa instituição e com essas mulheres. Tanto a Suzana, que monta a coleção, quanto a Delfina e a Xandoca, que são essas senhoras karipuna que fizeram esses artefatos para que hoje eles estivessem aqui.

Daniela: Os Caruanas são seres criadores e mantenedores de todas as relações existentes. Pedimos para Manoela nos contar um pouco mais sobre as relações entre esses seres e os objetos que compõem o acervo.

Manoela: Essas cuias, geralmente quem faz são as mulheres e elas são usadas tanto no cotidiano, para você pegar água, para você se banhar, para você comer dentro dela, quanto também são utilizadas dentro do ritual do Turé. E os grafismos, as marcas que tem nela, elas são os próprios caruanas. E, quando elas estão dentro da reserva, a reserva, que eu digo, é a coleção etnográfica Custini e Mãe da Juna, esse espaço que elas ficam, os objetos ficam quando eles não estão em exposição. A gente tem a ideia de que eles têm agência, eles ainda têm influência, não é porque eles não estão dentro da aldeia, não estão dentro do território, que eles estão dormindo dentro do museu, que eles estão mortos de alguma forma, eles têm agência. E aqui a gente tem o pensamento de que eles são os próprios caruanas, então eles ainda têm, de certa forma, digamos assim, personalidade. Então, é muito importante pra gente porque isso é uma forma de produção de conhecimento. A gente não quer que se perca, a gente quer que os nossos parentes nas próximas gerações continuem fazendo a cuia. E não é só a cuia que tem aqui, eu mencionei né, mencionei os colares também.

Então, eu lembro que quando eu tava fazendo digamos assim, o campo dentro da coleção etnográfica, pra mim, ver esses objetos, entender de quais materiais eles eram feitos, vinham muitas memórias das minhas conversas com a Suzana, que ela conta. Olha, na infância, a gente pegava essa semente, a gente brincava com ela e a gente fingia que a gente fazia turé, a gente imitava os bichos. Então vem essas memórias de como são as brincadeiras das crianças na aldeia, como é que era antigamente a brincadeira dessas crianças. E são brincadeiras, são ações que são muito se preparando para essa vida adulta também, do que é ser um adulto, uma adulta karipuna. Então desde pequenininho você já vem aprendendo isso.

Transição sonora

[BLOCO 2]

Interculturalidade, conhecimento de mulheres e feminismos

Isabela: Perguntamos para Claudia e pra Manoela, sobre o que é interculturalidade, e os desafios de fazer uma ciência intercultural.

Claudia: Bom, eu parto da ideia de que o conhecimento é intercultural, conhecimento humano, porque a humanidade está em contato desde que a gente está neste planeta, a gente não se fez sozinho, isolado, não somos ilhas. Só que quando falamos de conhecimento científico, aí já a coisa muda, porque foi um conhecimento que estabeleceu um cânone de criação e de entender em si o que é o conhecimento científico. E se vamos ver um pouco a história da ciência da Amazônia, a gente entende que a ciência se constituiu graças ao conhecimento dos povos indígenas, das populações tradicionais, então a ciência ocidental também é um conhecimento intercultural, só que talvez não se reconheça isso, tem algumas tendências que o reconhecem, mas geralmente as ciências que nós chamamos duras, ainda são difíceis de reconhecer que a ciência é um conhecimento intercultural, que estão detrás de todo esse cânone está nos conhecimentos indígenas, nos conhecimentos tradicionais.

Manoela: Eu gosto muito de falar a partir de uma categoria que eu aprendi com uma parenta, que foi a Célia Xakriabá, que ela fala que a gente tem ciência do território. E que essa ciência do território, a gente traz ela para outros espaços, os quais a gente também circula. Então, eu tento, de alguma forma, trazer o conhecimento do meu povo, trazer o conhecimento de outras mulheres. Porque se eu não fizer essa insistência, eu acho que essa interculturalidade ela não vai existir. Eu tenho muito essa questão de que quando eu chego dentro da universidade eu não percebo essa interculturalidade, eu percebo um território muito branco no qual você lê dentro das ciências sociais somente cientistas brancos e de origem europeia. Pra ser de fato um conhecimento intercultural, tem que ter essas pessoas dessas comunidades indígenas quilombolas e tradicionais dentro desses projetos e dentro desses espaços de interlocução, de fala, de escrita, de produção artística, que é esse espaço da universidade, de produção da ciência. Então, por isso que eu acho tão importante a nossa presença dentro da universidade, para a gente demarcar que a gente

existe, que a gente está ocupando esse espaço, que ele se torna importante para a gente, que a gente está indigenizando ele.

Isabela: Durante a nossa conversa, Manoela amplia essa visão de como o conhecimento indígena pode fazer da ciência um território intercultural. Para isso, ela pontua a importância do conhecimento das mulheres indígenas. Elas são muito importantes na sua trajetória.

Daniela: Putira Sacuena, Braulina Aurora, Elisa Pankararu, Ariana dos Santos, Bruna dos Santos e Renata Lod são algumas dessas pesquisadoras indígenas que Manoela trouxe para a conversa, sempre articulando o interesse das mulheres pela sua própria vivência.

Manoela: E o caso de eu pautar muito as mulheres dentro do meu discurso, não é que a gente esteja dentro de um lugar de subordinação, mas é porque a minha vivência é muito explicada a partir das mulheres. As mulheres são a maioria dentro da minha família. E desde a década de 70, as mulheres vêm construindo seu movimento indígena no Oiapoque, E, mais ou menos, dos anos 2000 para cá, elas também vêm se tornando lideranças, vêm se tornando cacicas. E isso não significa que antes a gente também não ocupasse, não construísse, não realizasse espaços de protagonismo. As mulheres eu acho que elas sempre foram protagonistas de alguma forma. Elas sempre puderam, por exemplo, ser pajés. Elas sempre ocuparam esse espaço de serem parteiras. Parteira pra gente é o que hoje é o médico, é a médica. São esses profissionais da saúde. Então, são essas mulheres que cuidavam das mães, cuidavam das crianças, que tinham ao redor das suas casas as farmácias, que eram, digamos assim, as plantas, um jardim, as farmácias verdes que ficam ao redor da casa. Então, essas mulheres sempre tiveram espaço de protagonismo, só que agora elas estão também ocupando e reivindicando outros espaços.

Isabela: Manoela também nos falou sobre a importância de seu avô como um grande líder político e destacou a relevância de sua avó, que é também uma fonte de inspiração para ela, assim como sua mãe, de quem fala com tanto orgulho.

Manoela: O meu avô foi uma liderança muito importante para o nosso povo. Ele foi o primeiro político indígena do nosso povo. Ele foi uma liderança, um cacique que, na época dele, representava todo o povo karipuna. E se fala muito dele, mas eu também quero falar muito da minha avó, para que a memória dela também seja lembrada. E aí, nisso, eu vou construindo muito a minha fala a partir das mulheres. A Suzana, ela foi a primeira pesquisadora indígena do nosso povo, que se formou em ciências sociais, com habilitação em sociologia, que foi trabalhar dentro desse campo da cultura material, que é algo que ela

já traz dentro da aldeia. Quando ela era jovem, criança, ela fazia artesanato. Quando ela vem aqui para a cidade, ela vai se inserir na pesquisa, mas dando continuidade a algo que ela já fazia na aldeia, mas agora num outro formato. Então, ela tem muita sensibilidade também, porque ela é considerada, de certa forma, uma pajé, porque ela é gêmea.

Então, quando os parentes de outros povos vêm para cá, para o Goeldi, eles têm muita confiabilidade no trabalho dela, porque é um trabalho que está sendo feito por uma mulher indígena que tem muito conhecimento, um conhecimento que é deste mundo visível, mas também desse mundo invisível. Esse mundo que a gente pode tocar, pode ver, mas que para o povo karipuna existe um outro mundo que vai além disso. Então, eles têm muita confiança porque, poxa, é uma pesquisadora indígena que está ali, então ela tem um olhar diferente, ela tem um olhar mais sensível. Ela vai cuidar dos objetos que estão dentro da reserva de uma maneira que é muito próxima da qual o meu povo cuidaria, por exemplo, eu acho que eles tem esse pensamento, né. Então, ter uma pesquisadora indígena ali faz todo um diferencial e é um trabalho que vai para além da escrita. É um trabalho que está sendo feito no cotidiano, que está sendo feito por meio de afetos também, de sensibilidade.

Isabela: Neste ponto da conversa, perguntamos para elas sobre este interesse pelo conhecimento das mulheres e a produção de uma ciência feminista.

Daniela: Cláudia nos contou que tem aprendido muito em sua relação de orientação com Manoela, pois suas pesquisas anteriores não abordaram temáticas de gênero. Isso a levou a refletir mais sobre o assunto e a entender a importância desse movimento.

Claudia: Mas a partir desse diálogo, eu me tornei mais sensível para essa temática e entendo hoje que o conhecimento das mulheres tem sido assim, fundamental nessa construção do conhecimento em si, a participação das mulheres na construção do conhecimento científico também, porque entendo que a mulher é muito mais sensível, como o Manu falou, para as questões da vida. E o conhecimento não é outra coisa que a vida mesmo. Então é a mulher que está sempre atenta à questão, por exemplo, a agricultura foi feita por mulheres e continua sendo, mesmo que exista a participação dos homens, mas que tem o cuidado das sementes, dos conhecimentos de como cuidar plantas, são as mulheres.

Então, a partir desse exemplo, entendo e minha posição é que a mulher tem um papel fundamental como criadora de conhecimentos, como criadora de vida e que temos que justamente colocar os esforços em fazer com que esse conhecimento se torne mais evidente em um mundo manejado pelo patriarcado androcêntrico, como estamos falando e que a ciência se construiu assim, porque a maior parte dos cientistas têm sido homens, são

nos últimos tempos talvez que se dá mais visibilidade aos aportes dos conhecimentos das mulheres.

Isabela: A resposta de Manoela apresentou uma visão diferente sobre como os movimentos feministas e indígenas são compreendidos, ressaltando a importância da troca cultural, e do compartilhamento de conhecimentos entre diferentes povos e etnias.

Manoela: Eu não entendo, a partir da minha compreensão particular, eu não compreendo movimentos de mulheres indígenas como movimento feminista. Mas eu compreendo como algo que é feito, é desenvolvido a partir do movimento indígena no qual a gente traz especificidades que são próprias do nosso território local, demandas que são próprias das mulheres da aldeia, da região e algumas que vão se conectar de maneira nacional. Como hoje a gente tem a AMIGA, que tem a Marcha das Mulheres Indígenas, aonde vão ser discutidas pautas que são a nível nacional, que vão abranger vários territórios. Então, eu compreendo dessa forma.

E, às vezes, quando você chega dentro do território, se você for perguntar para uma parenta o que é feminismo, talvez ela não saiba responder. Eu mesma não sabia responder. Eu fui aprender o que era feminismo dentro da universidade. E, quando eu conheci, era um feminismo muito branco, no qual eu não me reconhecia. Então, eu não me identificava daquela maneira. Então, eu não posso dizer que é um movimento feminista, porque não é construído dessa maneira. Mas nada que impeça uma parenta de vir a conhecer, se identificar com algumas pautas, alguns discursos. Que ela venha se identificar como feminista, mas não é um movimento.

E também eu acho que é muito importante ter esse diálogo entre mulheres, entre mulheres que são do movimento indígena, que são do movimento feminista. Eu acho que é importante também ter essas trocas, porque quando a gente está na universidade, se fala muito que os povos indígenas têm que aprender com a universidade, mas a universidade também tem que aprender com a gente.

Então, eu acho que o movimento feminista, ele também tem muito que aprender com as mulheres indígenas. Mas lembrando que as mulheres indígenas, elas não são uma homogeneidade. Nós somos mais de 300 povos. Então, são mais de 300 maneiras de se viver. Então o modo como uma mulher vai viver dentro de uma aldeia de um povo pode ser diferente de outra aldeia.

Transição sonora

[BLOCO 3]

Ciência decolonial / contracolonial

Daniela: Tânia perguntou se o trabalho que elas desenvolvem ali no museu era uma aposta anticolonial para a antropologia.

Claudia: Ah, não sei, acho que... Em certo sentido, poderia ser uma proposta decolonial, se vamos falar dentro do campo dos estudos decoloniais, mas também tem outras leituras, por exemplo, o Nego Bispo, que fala de um contra-colonialismo, que eu acho que talvez é um enfoque mais adequado para pensar o que a gente faz aqui. Estávamos agora em um curso estudando os autores haitianos, os antropólogos haitianos, e o Michel-Rolph Trouillot, ele é muito contundente quando fala que a antropologia é de alguma maneira atua hipocritamente quando traz os pensamentos das pessoas que contribuíram para nossas pesquisas só como referências e como umas aspas dentro dos textos que nós elaboramos.

Eu trabalho muito com certas pessoas nas comunidades, com lideranças que têm toda uma trajetória de seu conhecimento reconhecido. Então, bom, por que não falar que ele é autor também? Se é um trabalho que estamos fazendo em conjunto. Então, as últimas publicações têm sido em colaboração, em coautoria com as pessoas das comunidades. Talvez isso não seja suficiente. Eu acho que se pensarmos em antropologia ainda como que o resultado da antropologia se expressa unicamente em textos escritos, acho que estamos limitando muito o que é a antropologia.

Então podemos pensar em outras formas, talvez contra-coloniais, no sentido de que se estão fazendo inovações na maneira como a antropologia divulga os resultados das suas pesquisas, não só nos textos escritos. Talvez este podcast seja uma dessas formas, né?, de pensar e de divulgar os resultados de pesquisas antropológicas, de uma maneira que chegue mais às populações com as quais trabalhamos do que um texto escrito.

Isabela: Neste momento da conversa, Cláudia nos apresentou um exemplo muito rico sobre a importância do registro dos povos e o reconhecimento de sua presença em livros e pesquisas, como agentes ativos e parte integrante do mundo acadêmico.

Claudia: E teve o ano passado um caso... Bom, era parte de um projeto de pesquisa e fizemos uma oficina, convidamos pessoas do povo indígena Ka'apor para visitar as coleções etnográficas do Museu Goeldi. Não somente a coleção etnográfica, que sempre é a mais visitada pelos povos indígenas, mas também visitamos a coleção de arqueologia, a herpetologia, o herbário. E foi muito interessante quando chegamos na Biblioteca. E tinha separado alguns dos livros que mostram a cultura material de Ka'apor, esses belíssimos

livros organizados por Marília Cury, com a plumária indígena, e outras publicações que nós já tínhamos feito aqui no museu.

E uma... foi uma mulher Ka'apor que diz que ela ficou surpreendida vendo a quantidade de publicações que tinham feito, e falou assim que ela achava importante que aqui no museu se dê esse valor para o registro do seu povo, a cultura material que era feita no seu povo, e que agora ela entendia a importância dos livros, porque até então, os livros chegavam na aldeia e só olhavam uma semana, depois davam para criança, virava charuto, enfim, qualquer uso diferente do que era feito, do motivo pelo qual ele foi feito.

E isso foi a partir de uma viagem que nós fizemos com os Ka'apor para visitar outros museus na Europa também. Então, quando se depararam que estavam os pássaros do seu território nas coleções ornitológicas, eles fizeram a reflexão: "Ah, vocês brancos têm estes museus e estas coleções, porque vocês já não têm território onde os pássaros possam viver. Por enquanto, nós temos território e nosso conhecimento está registrado no território. E eles falaram, nosso museu está vivo. O de vocês já está morto, mas nosso museu está vivo e nosso conhecimento está no território". Então, isso foi assim, maravilhoso. Esse é o conhecimento contracolonial, que nos dá a volta e nos faz um giro na maneira de entender o conhecimento e das diversidades de formas em que o conhecimento pode ser registrado e pode ser inscrito, neste caso, no território.

Isabela: Cláudia, por meio desta história, nos apresentou a importância do território e sua preservação. Foi então, encerrada a conversa. E quando estávamos saindo do Museu, conhecemos, ao acaso, pelo corredor, uma das representantes desse legado e guardiã de saberes e artefatos indígenas: a Suzana, mãe de Manoela.

Trilha sonora

Pra quê questionar? Inventaram o tempo

É hora, é hora agora, já foi (laiá, laiá)

Já foi

Vamos brincar, já foi (laiá, laiá)

[BLOCO 4]

O encontro com Suzana

Cláudia: Esse é o pavilhão da área de antropologia.

Cláudia: E a Susana, a mamãe.

Cláudia: E a mamãe de Manu.

Daniela: Ah é ela?

Cláudia: Sim, a mamãe dela.

Daniela: Vamos conhecê-la?

Cláudia: Sim, vamos.

Daniela: Então, Manoela, você nos apresenta a sua mãe?

Cláudia: Por favor, apresente a sua mãe.

Manoela: Essa é a minha mãe, Suzana.

Suzana: Eu sou a Suzana, acho que ela falou tudo, né? Alguma coisa. Não tudo, mas algumas coisas, né?

Daniela: Cruzar com Suzana foi uma grata surpresa. Nós pedimos para ela contar um pouco sobre sua trajetória, e como que ela chegou até o museu.

Suzana: Eu sou a Karipuna, tenho 70 anos no papel, mas 69 no nascida, sabe, na aldeia, como é, né? Eu nasci na época ainda do SPI, né? Mas aí eu conheci muito a minha vivência foi toda na aldeia, com os karipunas. E também quando chegou num certo período pra eu estudar, fazer a universidade, o segundo grau, vim pra Macapá, depois para Belém, eu fiz Ciências Sociais na década de 80. Aí trabalhei na FUNAI do museu, trabalhei na arte índia, justamente com cultura material, mas de um aspecto diferente, diferente daqui da reserva técnica que eu estava trabalhando.

Agora, nós estamos aqui na reserva desde 2003, passamos aos poucos, durante cinco anos, nós já começamos a classificar, a reserva é classificada de acordo com o livro de Berta Ribeiro, o dicionário de Berta Ribeiro, com categoria artesanal. É isso, meu trabalho aqui dentro, há muito tempo, trabalho com cultura material, há muito tempo. Todo trabalho dá um pulo na sua vida, você vai conhecendo aos poucos. E dentro da FUNAI, eu

conheci muitos povos indígenas. Naquela época, há 30, 30 e poucos anos atrás, os indígenas estavam começando a se organizar.

Trabalho aqui no museu, na reserva técnica de etnografia. É isso, eu sempre trabalhei. Estou no tempo de me aposentar há muito tempo, mas eu gosto disso, faço muito. Então, espero completar os 75 anos pra poder ir pra expulsória.

Daniela: Expulsória mesmo (risos), se não você continuaria...

Suzana: Senão eu continuaria.

Isabela: Durante nossa conversa, Suzana mostrou-se uma guardiã dos saberes indígenas e fez questão de deixar registrado o quão é apaixonada pelo que faz.

Daniela: O que você mais gosta de fazer no seu trabalho aqui?

Suzana: Mexeu tudo lá no fundo. Quando eu chego pela manhã, eu tenho aquele meu olhar assim como indígena. Eu trabalhando com todos esses povos, assim, sabe? Você se sentir assim, tomar conta de vários povos, várias coisas. Ao mesmo tempo, eu me sinto num grande território. Ao mesmo tempo que eu vou num lugar, eu estou me vendo no Xingu, no Oiapoque, no sul do Brasil, na Amazônia colombiana. Então você pega uma peça e corre aquela ideia. Estou lá, estou cuidando.

Daniela: A parte que você mais gosta é essa de guardiã, desse território múltiplo que está.

Suzana: o visível e invisível.

Suzana: Chego pela manhã, gosto de chegar sozinha, falar, conversar, me entregar. Porque eu tenho os meus dois olhares, como funcionária e como indígena. Aquele meu olhar indígena, já que eu trabalho ali. Quando eu comecei o meu trabalho dentro da aldeia, comecei fazendo grafismo. Então, eu não sabia que eu estava me preparando desde a aldeia, chegar pela FUNAI até chegar ao Museu Goeldi. É uma coisa que veio me puxando até pra cá. Aí quando eu penso que vai chegar a minha hora de me aposentar.

Tânia: Aí não pense nisso, não pense nisso.

Daniela: E também você está deixando um legado aí que tá sendo muito cuidado pela Manoela.

Suzana: A vida é essa, né? Tem outros que vêm atrás. Mas eu levo aquela coisa mais antiga. Porque toda vez que eu vou falar alguma coisa, eu tenho que buscar a raiz da coisa. Porque eu fico pensando, uma casa tem um alicerce que sustenta tudo. Isso é a forma de eu pensar muito. Então, quando eu vou falar, eu sempre estou colocando o passado. Pra poder ter aquela fala, assim, com muita força do passado, porque o passado sempre está, quem faz história sempre está no passado também. Tem que buscar o passado para poder construir o presente e o futuro também.

Daniela: No final do nosso encontro com a Cláudia e a Manoela, Tânia fez um bom resumo do que estávamos conversando.

Tânia: Estou escrevendo alguma coisa sobre linhagens, linhagens entre mulheres. gostei muito da relação que você faz entre conhecimento e... A palavra maternidade fica curta para mim, para tentar dizer o que eu quero dizer. Você também falava, Cláudia, sobre a ideia da criação, como essas entidades, os sujeitos, pessoas, agentes nas culturas, nos povos que criam, que são criativas, como uma coisa que tem muita autonomia. Você disse que as mulheres no povo têm autonomia. São mulheres que conhecem, não chamemos elas mulheres, porque a categoria “mulher”, acho que não é do seu povo, é uma categoria ocidental também, mas esses sujeitos que criam a vida têm um lugar muito importante na sua sociedade, no seu povo, que não é o que acontece na cultura ocidental. Então, acho que ali há uma coisa que vocês, desde seus conhecimentos, estão trazendo também, que estão questionando certas ideias também de compreender o gênero, que estão muito ancoradas numa visão que a gente fala de homens, mulheres, e o que é importante aqui é uma presença muito importante **da criação da vida.**

Transição sonora

É hora, é hora agora, já foi

Já foi

[ENCERRAMENTO]

Isabela: O nosso encontro com Suzana pareceu ilustrar a força dessa observação da Tânia. A Tânia também comentou sobre a visão política de Manoela, e as relações que ela tece entre os movimentos feministas e os movimentos indígenas.

Daniela: Ao longo de nossas últimas duas temporadas do Mundaréu, nós estamos nos aproximando do que é uma crítica acadêmica feminista que pratica um rompimento com os lastros colonialistas, ocidentais e brancos. O que estamos encontrando, e foi o que Tânia ressaltou em seu comentário, é um misto de ação política com movimentos teóricos. Eles estão abrindo caminhos para que a gente possa, com respaldo e credibilidade social, experimentar junto com outras maneiras de entender o mundo. Entender o que é conhecimento, e conhecer outras maneiras de conceber a vida.

Isabela: Esse foi o episódio "Nosso museu está vivo, nosso conhecimento está no território". Agradecemos muito pela sua audição. Mais informações sobre as participantes do episódio e o projeto do Mundaréu, você encontra na nossa página: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>

A gente agradece o apoio da equipe que esteve em Belém, eu Isabela Dantas, Tania Perez-Bustos e Daniela Manica. A equipe que ajudou a divulgar nas redes sociais, coordenada por Fernanda Mariath. A música dessa temporada segue sendo "Já foi", da cantora Janine Mathias.

Daniela: O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere, uma rede de podcasts de Antropologia e Ciências Sociais, do Brasil e de Portugal. Para conhecer estes outros programas, visite: <https://radiokerekere.wordpress.com/>

A FAPESP, a Unicamp, a FAP-DF, o CNPq e a UnB apoiam o Mundaréu e somos gratas por isso.

A gente encerra aqui a quinta temporada do Mundaréu. No ano que vem, voltamos com muitas novidades, a série que nós gravamos na Colômbia, a sexta temporada e mais novas séries também! Fiquem ligadas nas nossas redes. Até lá!